

GESTOS E CONTEXTOS DO NARRAR DE JORNALISTAS BRASILEIROS EM REPORTAGENS DO PRÊMIO GABO (2013-2023)¹

Josué Ângelo Gris²
Julia Raquel Petenon³
Micael dos Santos Olegário⁴
Reges Schwaab⁵

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

RESUMO

O presente trabalho parte de 12 entrevistas em profundidade com jornalistas brasileiros finalistas do *Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo* na Categoria Texto, entre 2013 e 2023. Nosso objetivo é refletir sobre as práticas jornalísticas e os gestos que antecedem a construção das narrativas dos sujeitos-jornalistas. Trata-se de pensar e de tensionar como lugares, contextos e vivências levaram os repórteres a adotar um determinado modo de narrar e de construir suas reportagens. O texto apresenta resultados parciais do projeto de pesquisa "Escrituras possíveis, lugares (in)comuns: saberes, sujeitos e compreensões sobre o jornalismo narrativo latino-americano".

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo narrativo; gestos; Prêmio Gabo; entrevista.

1. LUGARES E ESCRITURAS DE PARTIDA

O presente trabalho aborda experiências de sujeitos jornalistas brasileiros, com ênfase nas experiências, nos contextos e nos lugares que constituem a base de seus gestos narrativos. As reflexões buscam tensionar as potencialidades do fazer jornalístico, em especial, em reportagens a partir da América Latina (AL).

A pesquisa⁶ tem como base empírica propulsora a categoria *Texto* do *Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo*, tomado como um horizonte para pensar o jornalismo narrativo. Para esta fase, foram realizadas entrevistas com autoras, autores e editores dos textos indicados, entre eles, nove mulheres e cinco homens. A escuta seguiu o modelo de entrevistas em profundidade semi-abertas (Duarte, 2002), com a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Jornalismo Literário, livro-reportagem e a produção de narrativas biográficas, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação (Poscom), da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: josue.angelo@acad.ufsm.br.

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação (Poscom), da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: petenon.julia@acad.ufsm.br.

⁴ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação (Poscom), da Universidade Federal de Santa Maria. Jornalista formado pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa). E-mail: micaelolegario12@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Departamento de Ciências da Comunicação e do Poscom/UFSM. Coordena o *milpa - laboratório de jornalismo* (CNPq/UFSM). E-mail: reges.schwaab@ufsm.br.

⁶ Investigação vinculada ao projeto "Escrituras possíveis, lugares (in)comuns: saberes, sujeitos e compreensões sobre o jornalismo narrativo latino-americano" e ao *milpa - laboratório de jornalismo* (CNPq/UFSM).

concordância individual dos participantes, considerando um roteiro com inquietações sobre o narrar latino-americano, previamente definido pelos pesquisadores envolvidos.

Cabe mencionar que um trabalho anterior, derivado da mesma pesquisa (Gris; Silva Neto; Schwaab, 2023), que abordou a compreensão da reportagem como sendo “a alma da profissão” para os jornalistas, permitindo reconhecer alguns pontos iniciais sobre as pautas e as narrativas. Foi possível, ainda, perceber aspectos sobre o método de trabalho desses repórteres, e seus procedimentos no processo de apuração.

Ao refletir sobre as narrativas jornalísticas, Luiz Gonzaga Motta (2012) indica a existência de gestos de “sondagem do mundo em movimento”, como parte intrínseca da construção narrativa do jornalismo ao enfrentar a complexidade do mundo. Conforme o autor, o entendimento acerca dos acontecimentos apresentados nas narrativas midiáticas é dividido entre os atores que participam desses atos: o jornalista, os personagens e os leitores. Aqui, nosso interesse está em refletir sobre o lugar da experiência dos autores, ou seja, os gestos que antecedem a sondagem de mundo pelos jornalistas e que ajudam a compreender os seus modos de organizar experiências e conhecimentos sobre o mundo.

As reflexões do presente trabalho estão igualmente conectadas com a noção de alteridade como projeto (Schwaab, 2021) e a sensibilidade necessária para se pensar e pesquisar o jornalismo narrativo, considerando processos sociais, interações e as dinâmicas de reconhecimentos em que os jornalistas estão inseridos como sujeitos.

Assim, estamos diante de um terreno fértil para investigar o jornalismo e seus modos de narrar, que pode permitir compreendermos essa sensibilidade das relações, afinal, parece ser este um espaço que permite dar vazão a uma escrita como lugar de encontro, articulando modos e métodos de dizer sem apagar a complexidade da vida humana (Resende, 2009).

Empiricamente, a listagem de textos finalistas no *Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo* (Prêmio Gabo)⁷ nos coloca diante de um emaranhado narrativo singular, que suscita reflexões em torno da produção narrativa na América Latina (AL) e que nos evidencia como o legado de García Márquez (1927-2014). O Prêmio Gabo⁸ é uma das iniciativas da *Fundação* concebida pelo escritor, com foco em oferecer uma leitura ampliada, autoral e independente de contextos sociais. Site, relatórios e o Prêmio anual permitem visualizar uma grande geografia narrativa aberta sobre a AL.

⁷ Ver: <https://premioggm.org>.

⁸ Ver: <https://fundaciongabo.org/es>.

2. ENTREVISTAS E O CAMINHAR METODOLÓGICO

Identificados os trabalhos finalistas do *Prêmio Gabo*, os repórteres autores foram contatados com o propósito de uma entrevista em profundidade, encaminhando convite para o diálogo com os/as jornalistas brasileiros finalistas no período indicado: Amanda Rossi, André Borges, Armando Antenore, Clarissa Levy, Consuelo Diegues, Cristiane Segatto, Fábio Victor, Flávio Costa, Inês Campelo, Juliana Tinoco, Letícia Mendes, Marina Dias, Natália Viana e Sérgio Buarque.

As entrevistas foram gravadas por videoconferência, a partir de um questionário semi-estruturado, com questões sobre jornalismo, compreensões sobre reportagem, método, escrita e o processo de construção da reportagem finalista do Prêmio.

3. GESTOS ANTERIORES AO NARRAR

O processo de leitura sucessiva do material das entrevistas, indicou aspectos comuns e singulares sobre as vivências e os contextos de apuração e de escrita dos jornalistas. Observamos, por exemplo, que determinadas pautas⁹ destacadas no *Gabo* surgiram de “conversas despretentiosas”, fruto de diálogos interpessoais do cotidiano desses sujeitos, e de uma sensibilidade adquirida na infância em uma zona rural. Outras vezes, se deram a partir da observação de um contexto hostil a determinado grupo social, as mulheres ou indígenas, o que leva a repórter a se interessar pela temática.

Tais percepções provenientes de vivências e de relações do jornalista, neste contexto, fazem-se importantes para entender sua forma de narrar, já que, ao falar do modo pelo qual essas histórias são tecidas, é preciso entender que existe um “limite entre a vida vivida individualmente e a que irrompe na experiência com o outro” (Resende, 2009, p.39). São exemplares os recortes a seguir, obtidos a partir da questão: “como surgiu a pauta que originou o texto finalista do Prêmio Gabo?”:

Sendo bem honesta, várias das minhas pautas **surgem em conversas com pessoas**, às vezes **conversas despretentiosas**. Eu costumo falar que várias pautas surgem no bar... Surgiu de uma pessoa que era uma pessoa que eu não tinha muito contato, mas que **estava ali num lugar em comum comigo**, e a

⁹ Para uma compreensão do papel da pauta nestas narrativas, sugerimos a leitura de: Peres, A. C., Resende, F., & Schwaab, R. (2024). O jornalismo em sua dimensão relacional: compreensões a partir da escritura. **E-Compós**. <https://doi.org/10.30962/e comps.2942>.

pessoa sabia que eu trabalhava na (Agência) Pública, que eu trabalhava com direitos humanos. Essa pessoa vai e me fala. (Levy, 2023, s/p).¹⁰

Encontrei uma nota sobre este relatório que se chama relatório de segurança pública brasileira, que apontou que havia um número de suicídios muito alto nessa localidade, a localidade mais indígena do Brasil. **E eu com essa informação e algumas pistas** decidi ir, sem muita informação, e **tinha poucos contatos lá** na região (Viana, 2018, s/p).¹¹

Nesse caso específico da “A Espera D’água”, a gente tinha ido para uma pauta num interior, em Triunfo, que fica numa cidade no sertão aqui de Pernambuco [...]. **E no caminho, a gente cruzou pelo canal** que tava ali seco, até Inês (outra repórter) **quis fazer uma foto**. [...] a gente tenta ver umas placas e Inês diz ‘eu li que tem um problema,... é por aqui por perto que está tendo um problema com uma estação de bombeamento’... [...] **a gente começou a pensar e pesquisar** (Buarque, 2023, s/p).¹²

A observação de Medina (2014, p. 47) permite ampliar a perspectiva dos espaços entre tessitura e leitura: “a narrativa da contemporaneidade se assina na escritura; não importa qual o código, ela pode se afirmar como polifônica e polissêmica, dialógica e dinâmica, interrogativa e inquieta”. Nesse sentido, com relação à forma de narrar, alguns entrevistados revelam sua intencionalidade em imprimir uma “marca autoral” nos seus textos que produzem, ou seja, reconhecem sua presença e sua participação (interferência) na tríade da construção narrativa (Resende, 2009), sem negar o gesto de enunciar. Os recortes a seguir, respostas à pergunta: “o que foi mais determinante para você construir sua forma de narrar?” nos fornecem pistas sobre tais marcas autorais:

É essa **questão da sensibilidade**. É algo que eu acho que gera essa sensibilidade, e uma característica minha desde criança é **gostar de conversar com as pessoas e ouvir histórias das pessoas**. Pessoas que não são pessoas que têm posições instituídas de poder na sociedade... São pessoas que até a publicação das reportagens eram pessoas anônimas, não eram pessoas conhecidas... Eu sou mineira, então convivi como criança muito também com pessoas da zona rural (Rossi, 2023, s/p).¹³

Eu sempre queria **que meu texto tivesse uma marca autoral**, mesmo sabendo que eu estava fazendo um produto para indústria cultural. Sempre **fui muito zeloso** em relação ao meu texto e tenho as idiossincrasias do meu texto. Não chega a ser propriamente um estilo, no sentido literário da palavra, mas **tem uma marca ali da qual eu não abro mão**. Até hoje não entendo como eu fiquei na profissão, porque não me sinto 100% jornalista. Nunca me senti, acho que tenho inclusive muitas deficiências em relação aos meus colegas mais jornalistas. É porque a **minha missão sempre foi narrativa. O que me**

¹⁰ LEVY, C. **Sobre “A máquina oculta de propaganda do iFood”**. 2023. Entrevista concedida via google meet a Josué Gris e Reges Schwaab.

¹¹ VIANA, N. **Sobre “São Gabriel e seus demônios” e “O bispo e seus tubarões”**. 2018. Entrevista concedida a Reges Schwaab e Carlos Mario Soto Correa.

¹² BUARQUE, S. **Sobre “À espera da água”**. 2023. Entrevista concedida via google meet a João Carlos da Silva Neto e Josué Ângelo Gris.

¹³ ROSSI, A. **Sobre “Da tortura à loucura: ditadura internou 24 presos políticos em manicômios”**. 2023. Entrevista concedida via google meet a João Carlos da Silva Neto.

interessou sempre foi contar história (Antenore, 2023, s/p).¹⁴

As considerações acerca das marcas que os jornalistas imprimem em seus textos e dos elementos que os levam a um modo de narrar dizem da ação subjetiva do jornalista, que nasce no encontro com o Outro. Trata-se de “alcançar a outra margem que permitiria ao repórter dizer do infinito do Outro na própria impossibilidade de fazê-lo, todavia dizer por que o Outro o afeta” (Schwaab, 2021, p.17). Em suma, representa avançar para um jornalismo intrinsecamente marcado pela alteridade.

4. CONSIDERAÇÕES PARA OUTRAS NARRATIVAS

A grande força do jornalismo narrativo está na matriz da poética que completa e que abre a partir de si: “porque [no jornalismo narrativo] se encontra a cena real, que deixa uma onda expansiva em nossa compreensão e em nossa sensibilidade” (Herrscher, 2013, p. 34, tradução e acréscimo nossos).¹⁵ Essa matriz surge a partir do que defende Osório Vargas (2017), ao sublinhar o repórter como sujeito fronteiro, mestiço e anfíbio. Segundo o autor, são *as relações* que formam a narrativa e são *as conexões* que conformam a reportagem. Sua potencialidade está no manejo de procedimentos a partir de um projeto humano, argumenta. A metodologia que articula a reportagem, segundo Osório Vargas (2017, p.71, tradução nossa), “é composta pelo olhar, pela exploração, pela descoberta e pelo voltar a olhar”, aspectos de “uma profissão transcultural que pensa os problemas que a realidade oferece, e que se questiona tanto como a ciência”.¹⁶

O que impulsiona a pesquisa, da qual este texto é uma derivação, é o entendimento de que a reportagem está no centro do fazer jornalístico. Sua compreensão, à luz das contribuições dos entrevistados, permite afirmar a existência de gestos inaugurais, que antecedem e têm como destino transbordar o próprio relato. A presença aberta do sujeito jornalista ingressa de outro modo no circuito social. A própria experiência do narrador torna-se narrativa. Ademais, como propõe Ana Cláudia Peres (2017, p.167), o espaço do testemunho do repórter e a abertura da sua experiência é transformadora e abre um intervalo para o inventário de existências no jornalismo.

¹⁴ ANTENORE, A. **Sobre “Meu Guri” e “A Vizinha”**. 2023. Entrevista concedida via google meet a João Carlos da Silva Neto, Josué Ângelo Gris e Reges Schwaab.

¹⁵ Do original: “porque encuentra la escena real que deja una onda expansiva dentro de nuestra comprensión y nuestra sensibilidad” (Herrscher, 2013, p. 34).

¹⁶ Do original: “Así, la metodología del reportaje está compuesta por el mirar, el explorar, el descubrir y el volver a mirar, y desde allí se funda un periodismo de la vida... una profesión transcultural que piensa los problemas que la realidad plantea, y que se pregunta tanto como la ciencia” (Osório Vargas, 2017, p.71).

Nas leituras de diferentes escritos, bem como nas falas de nossos entrevistados, encontramos pistas para uma proposta interdisciplinar de entender essa sensibilidade da relação, como estímulo a uma inteligência plena que organiza a acolhida, as ideias e pode transmutar o estado das coisas. Tomar reportagem como objeto de investigação nos desafia a alcançar seus gestos de sondar, narrar e reconhecer. Esses gestos, anteriores ao dizer, pressupõem um protagonismo do jornalista, uma postura ativa, aberta e visível, consciente dos mecanismos de enunciação e dos quadros que compõem o olhar de um sujeito em interação.

5. REFERÊNCIAS

- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 62-83.
- GRIS, Josué Ângelo, SILVA NETO, João Carlos da, SCHWAAB, Reges. Saberes sobre a reportagem na fala de jornalistas brasileiros no Prêmio Gabo (2013-2023). Trabalho apresentado no **13º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo (JPJOR)**, Universidade de Brasília (UnB) – Brasília (DF) – Novembro de 2023.
- HERRSCHER, Roberto. **Periodismo narrativo**: cómo contar la realidad con las armas de la literatura. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2013.
- MEDINA, C.. **Atravessagem**. Reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.
- MOTTA, L. G. Narrativas jornalísticas e conhecimento de mundo: representação, apresentação ou experimentação da realidade. In: PEREIRA, F. H.; MOURA, D. O.; ADGHIRNI, Z. L.(orgs.). **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012. p.219-241.
- OSORIO VARGAS, R. H. (2017). **El reportaje como metodología del periodismo**. Una polifonía de saberes. Medellín: Editorial Universidad de Antioquia.
- PERES, A. C. M. A (2017). **O que resta dos fatos**: testemunho e guinada afetiva no jornalismo. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.
- RESENDE, F. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Galáxia**, n. 18, v. 2, 2009, p. 31-43.
- SCHWAAB, R. Reportagem e reconhecimento: a alteridade como projeto. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 18, p. 9-21, 2021.